

bibliografia

recensões

BETTELHEIM, Charles — *Les luttes de classes em U.R.S.S. — 1ère période 1917-1923*, Paris — Éditions du Seuil/François Maspero, 1974.

O primeiro livro que Bettelheim publicou sobre a União Soviética — *La planification soviétique* — data de 1939. Começava assim uma longa série de trabalhos em que o autor ia procurando analisar, numa perspectiva teórica marxista, os problemas da construção do socialismo. Toda a primeira fase da obra de Bettelheim, obra de economista, diz sobretudo respeito aos problemas da planificação. Os desenvolvimentos teóricos que propõe são sempre resultantes de um esforço de acompanhamento directo das formações sociais que analisa: não só da U. R. S. S., mas também da China, Cuba, da Índia, de outros países do chamado Terceiro Mundo.

Mas o ênfase nos problemas do plano tem também que ver com uma posição ideológica — a deformação economicista do marxismo — que ele mais tarde viria a identificar e a denunciar. É a partir de 1968, com a publicação de *La transition vers l'économie socialiste*, que aparece em Bettelheim o esboço da passagem para uma nova problemática e de reestruturação dos instrumentos conceptuais a utilizar. Como ele próprio acentua, a mudança de terreno resulta de dois factores principais: o contacto com as revoluções chinesa e cubana, por um lado, a renovação do pensamento marxista em França, pelo outro, a partir da acrescida difusão da obra de Mao Tsé-Tung e dos trabalhos de Louis Althusser.

Citaremos apenas um exemplo dessa mudança de referencial teórico, retirada do livro *Cálculo Económico e Formas de Propriedade*¹. Mostra aí

Bettelheim que «a evolução para o capitalismo de uma formação em transição não pode ser explicada pelo 'desenvolvimento do mercado'. Este desenvolvimento é apenas um efeito da evolução para o capitalismo, ela própria determinada pela inversão nas relações de forças sociais». Por outro lado, a forma do plano é compatível com a dominação de relações mercantis.

De que se trata neste primeiro volume, cobrindo o estudo da luta de classes na U. R. S. S. no período que vai de 1917 a 1923, ou seja desde a instauração do poder proletário até à morte de Lenine?

«O fim visado era conseguir conhecer de forma suficientemente precisa a história da União Soviética para poder escrever, *não a história desse país, mas uma outra coisa*: fazer das lutas de classes na U. R. S. S. a partir da Revolução de Outubro uma análise de alcance suficientemente universal, embora sob os traços específicos duma história contemporânea da U. R. S. S.».

Sem querer levar longe demais o paralelismo, não pode deixar de se constatar uma certa similitude com o projecto de Marx ao escrever *O Capital*. Também aí se utilizavam elementos retirados da análise da situação na Inglaterra; mas fundamentalmente por se tratar do país industrialmente mais desenvolvido de então, por se tratar do «lugar clássico» da produção capitalista, por de certo modo prefigurar a evolução dos outros países capitalistas europeus. O verdadeiro objecto de *O Capital* era, no entanto, o modo de produção capitalista e as relações de produção e de troca que lhe correspondem.

Em texto recente ainda não publicado, Bettelheim enunciara a conclusão de que na U. R. S. S. existem hoje relações de exploração semelhantes (diferindo apenas na sua

¹ Edição portuguesa de Publicações Dom Quixote.

forma de existência) às dos outros países capitalistas: a formação social soviética poderia assim ser qualificada como um *capitalismo de Estado*.

Prolongar a análise então feita por uma que centrasse as *transformações* na U. R. S. S., no quadro da problemática global da transição para o socialismo, poderia fornecer elementos importantes aos movimentos revolucionários empenhados na construção do socialismo.

Ora o estudo do presente e do passado da União Soviética foram levando Bettelheim mais longe na ruptura com o que ele chama o «marxismo simplificado» das secções europeias da III Internacional, prevalemente a partir dos anos trinta. Logo na sua introdução de *As lutas de classes na U. R. S. S.*, ele se procura demarcar de três teses principais associadas ao «marxismo simplificado», como condição para reencontrar o conteúdo revolucionário do materialismo histórico e do materialismo dialéctico. Uma delas é a tese da «identificação 'mecanicista' entre as formas jurídicas de propriedade e as relações de classe», levando à conclusão ideológica de que as classes exploradoras, e com elas a luta de classes, foram banidas através da supressão da propriedade jurídica privada dos meios de produção. Outra tese, condensação da problemática economicista, é a do «primado das forças produtivas», que atribui ao desenvolvimento das forças produtivas o papel de motor da história: assim se elide a luta de classes e se oculta a importância decisiva das relações de produção. A última tese diz respeito ao efectivo reforço do Estado soviético e dos seus aparelhos repressivos, que entra em aberta contradição com a análise teórica marxista da sua substituição por órgãos de auto-administração das massas à medida que vão desaparecendo os antagonismos de classe. Estaline, impossibilitado de dar respostas correctas por virtude do seu próprio postulado sobre o fim da luta de classes na U. R. S. S., acaba por justificar a situação em termos de uma *causa exterior*: o cerco capitalista.

Definido, por um lado, o objecto global do presente trabalho de Bettelheim, esboçadas, por outro, as grandes linhas da respectiva forma de abordagem, já se deixa ver a importância excepcional desse trabalho.

Resta lembrar que se trata apenas de um primeiro volume: o plano de conjunto envolve a análise do processo da luta de classes na U. R. S. S. até ao presente, por forma a clarificar as determinações do momento actual.

João Ferreira de Almeida

HERPIN, Nicolas — *Les sociologues américains et le siècle*, Paris, P.U.F. (col. SUP), 1973.

1) A análise da actividade de produção científica concreta (isto é, historicamente datada e localizada) faz-se por referência, não só aos elementos que a distinguem de outras actividades (nomeadamente os seus meios de trabalho específicos), como também àqueles que, embora dela sejam indissociáveis, nos remetem de forma mais ou menos directa para o «contexto social», para a sociedade entendida como totalidade complexa estruturada.

A primeira parte de *Les Sociologues américains et le siècle*, um livro de sociologia sobre a sociologia americana, como o seu «Anexo metodológico» abertamente reivindica, recobre precisamente esses dois tipos de condicionalismos. Se em «Orientations théoriques» se delimitam de um modo breve mas particularmente claro os *quadros teórico-ideológicos* definidores de um número limitado de «racionalidades» de investigação (a «Escola de Chicago», o «culturalismo», o «funcionalismo»), já em «Contextes historiques» se esboça a definição das *condições sociais* de emergência e da lógica de transformação do «campo» da sociologia americana. Acrescente-se que a segunda parte do livro, centrada embora na exposição de alguns tipos notáveis de análises empíricas com o intuito de verificar teses anteriormente debatidas, acaba por designar uma quarta «orientação teórica», ao definir certos dos conceitos fundamentais do «interaccionismo».

2) O ritmo de desenvolvimento das diversas formações científicas é comandado por «procuras» sociais, elas próprias formuladas de acordo com critérios que se referem à *utilização* possível dos produtos de conhecimento. Quando, como é o caso da sociologia, essa utilização desempenha um papel de consolidação ou, por outro lado, de subversão/inversão do